

## AS MEMÓRIAS DE CARLOS LACERDA:

## “SÓ SEI QUE NÃO VOU POR AÍ”.

*Isabel C. F. Auler* é mestranda em História Social da Cultura na PUC-RIO. Email: [isabelauler@gmail.com](mailto:isabelauler@gmail.com).

Resumo: O artigo pretende analisar as memórias de Carlos Lacerda, publicadas pelo *Jornal da Tarde* em 1976. O fio condutor de meu trabalho consiste na indagação sobre a maneira através da qual Carlos Lacerda tentou construir uma identidade, a partir de sua narrativa que unifica e constantemente reelabora tal lembrança para torná-la una e coerente com a visão que possui ou pretende apresentar de si no presente.  
Abstract: This article intends to analyze the

memories of Carlos Lacerda, published in 1976. The main stream of my study consists of questioning Lacerda's attempt to elaborate his identity through a narrative that constantly reconstructs his memories, in order to create a unified vision of himself.

*Os depoimentos de Carlos Lacerda*

Em 1976 Melchiades Cunha Júnior, redator do *Jornal da Tarde*, propôs a listagem dos principais personagens da vida política brasileira durante as últimas quatro décadas para ouvir seus depoimentos, os quais não seriam divulgados enquanto tais personalidades estivessem vivas. O primeiro a encabeçar a lista era Carlos Lacerda. Não há como negar sua intensa participação na vida pública, seja como jornalista, deputado ou governador da Guanabara. De acordo com o historiador José Honório Rodrigues, “ninguém sozinho influiu tanto no processo histórico brasileiro como Carlos Lacerda de 1945 a 1968.” (RODRIGUES, 1992, p.1)

A elaboração de tais depoimentos, em fins da década de 70, precede a proliferação de publicações referentes às memórias de opositores à ditadura, cujo ápice encontra-se em meados da década de 80; uma preocupação de historiadores, jornalistas, cientistas sociais e políticos em dar voz a relatos obscurecidos durante os anos de repressão e censura. No entanto, o projeto já iluminava essa direção de consciência na qual o relato subjetivo torna-se digno de autoridade veritativa.

Além disso, a preocupação em preservar essas memórias do passado recente do país também esteve presente em outros projetos e empreitadas intelectuais como, por exemplo, a criação do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do

Brasil (CPDOC), em 1973. O desejo de evitar o esquecimento somou-se ao vislumbre do retorno dos cassados em 1964 à cena política, fato que implicava na ampliação da esfera participativa de políticos como Lacerda. “Se a vez dos políticos estava chegando, era preciso lhes dar voz” (MOTTA, 2000, p. 114).

No entanto não devemos ingenuamente crer que a rememoração individual não possua o caráter de manipulação e seleção inerente a qualquer construção narrativa, pois por ser uma mediação simbólica da ação, incorpora um projeto de constituição de identidade. Não pretendemos desqualificar o papel do testemunho, apenas questionar sua reputação de observador isento. Além disso, a confiança no testemunho reside em sua imutabilidade com o decorrer do tempo; uma irrealizável promessa de manter-se o mesmo, independente das experiências por vir.

A testemunha confiável é aquela que pode manter seu testemunho no tempo. (...) O testemunho vem assim unir-se à promessa em meio aos atos de discurso que especificam a ipseidade em sua diferença da simples mesmidade, aquela do caráter, ou melhor, da fórmula genética, imutável da concepção à morte do indivíduo, alicerce biológico de sua identidade. (RICOEUR, 2007, p.174)

A crítica de Pierre Bourdieu ao processo homogeneizante presente na narrativa de vida é um importante complemento para essa questão. De acordo com o autor, um dos perigos da biografia consiste em compreendê-la como um todo coerente, uma expressão da intenção, do projeto identitário intrínseco à sua produção. O relato biográfico ou autobiográfico tem a pretensão de organizar-se em uma seqüência ordenada, como se o biografado possuísse um sentido de vida, o qual daria significado aos acontecimentos que a preenchem.

Mas será que os depoimentos de Lacerda se enquadram nesta ilusão biográfica criticada por Bourdieu? Há claras diferenças entre um depoimento, orientado pelas perguntas do entrevistador, e uma autobiografia, regida apenas pelas lembranças e interesses do memorialista. Através de suas indagações, o pesquisador torna-se co-autor daquela construção narrativa, ou seja, o significado introjetado às memórias do depoente constitui um projeto elaborado e negociado por ambas as partes, entrevistador e entrevistado. Cláudio Lacerda, jornalista que esteve presente na gravação dos depoimentos

de Carlos e autor de sua transcrição, ressalta a importância de:

a) deixar o depoente falar livremente da vida e de sua vida (...) e deixar que ele dê sua interpretação de tudo; b) manter um tom coloquial, deixando a impressão de estar ouvindo o depoente, criando uma pontuação que mantenha a exata entonação da conversa; c) deixar o constante vaivém cronológico; d) suprimir as perguntas para proporcionar ao leitor um texto corrido e fácil de ser lido. (PAIVA apud CALDAS, 1999, p. 86)

A tentativa de manter a individualidade da voz do depoente não apaga a intervenção do entrevistador, apenas mascara sua participação ao silenciar suas perguntas e interferências. No entanto, a co-autoria não inviabiliza a utilização da análise de Bourdieu em nosso trabalho, pois estar a par dessa interferência nos possibilita atentar para a direção que ela pretende dar ao relato e analisar a maneira através da qual Lacerda dialoga com tal orientação, no intuito de manter o seu objetivo final: apresentar a persona que construiu para si.

O estatuto de produção intencional de um determinado tipo de fonte historiográfica apenas ressalta a noção de projeto e de construção inerente a qualquer narrativa de vida. A co-autoria não desautoriza o papel do depoimento de elucidar a maneira pela qual o entrevistado concebe ou pretende apresentar o passado, mas apenas complexifica essa construção. A apresentação pública desse discurso oficializa a representação da vida do indivíduo em questão. Portanto, pretendo demonstrar que tal lembrança constitui-se de maneira análoga à construção narrativa analisada por Bourdieu, repleta de autocensuras e cuja orientação reside em uma intenção, consciente ou não, de forjar uma trajetória coerente com seus propósitos e com a auto-imagem que possui no presente.

Mesmo que o projeto pertença ao mundo da intersubjetividade, Gilberto Velho demonstra que a possibilidade de concebê-lo explica-se por seu papel de meio de comunicação e objeto de negociação com a realidade, ao se expressar em conceitos, palavras e categorias. O projeto é o resultado de uma indagação consciente de seu propósito e de sua relação com o campo de possibilidades no qual está inserido. Ou seja, a identidade que se deseja edificar depende dessa complexa e permanente interação entre o projeto, o sujeito e sua sociedade.

O fio condutor de meu trabalho consiste na indagação sobre a maneira através da

qual Carlos Lacerda tentou construir uma identidade a partir de sua narrativa, que unifica e constantemente reelabora tal lembrança para torná-la una e coerente com a visão que possui ou pretende apresentar de si. A concretização de seu projeto para o futuro — reintegrar-se no cenário político do final da década de 70 — dependia dessa reconstrução de seu passado, tornando-o chave para a compreensão e legitimação da imagem que construía sobre o seu presente.

Quanto à escolha dos depoimentos de Lacerda, ao invés dos de outro personagem brasileiro, receio que minha explicação não é tão objetiva quanto a anterior. Poderia muito bem me apoiar na afirmação acima, de José Honório Rodrigues, e discorrer sobre a influência de Lacerda no âmbito político, mas prefiro uma abordagem mais subjetiva, pois a historiografia do século XX já nos ensinou a relativizar a importância concedida a grandes figuras e a valorizar o homem anônimo, aparentemente inexpressivo. Encontro a justificativa da relevância de meu trabalho e de minha escolha documental na citação de Guilherme Pereira das Neves:

Como observa Steve Weinberg, prêmio Nobel de física, “não estudamos as partículas elementares porque elas sejam intrinsecamente interessantes, como gente. Elas não são — se você tiver visto um elétron, terá visto todos” Frase que poderíamos reescrever da seguinte forma: ninguém que tiver conhecido um ser humano poderá dizer que conheceu todos os outros, porque cada um deles é intrinsecamente interessante. Para nossa felicidade, de historiadores como de biógrafos. (NEVES, 2002, p.12)

Meu pai, um homem que não gostava de ler nada além de seus três jornais matinais, apesar de todos os meus esforços e gastos financeiros com livros para presentear-lo em datas festivas, começou a ler, para minha surpresa, os depoimentos de Carlos Lacerda. Ele estava tão empolgado com o livro que resolveu comprar uma cópia para mim e combinamos de conversar sobre a obra após terminarmos de lê-la. No dia em que finalizou a leitura, ele me ligou, muito satisfeito, e marcamos um encontro para o final de semana. Infelizmente nosso plano não se concretizou, pois meu pai faleceu no dia seguinte à ligação. A única coisa que me disse sobre o livro foi: “Adorei.”

Consigo pensar em diversos motivos para defender a utilização das memórias de Lacerda como fonte histórica mas, para mim, o mais relevante deles foi sua capacidade de

conquistar a atenção de meu pai; somente alguém substancialmente interessante poderia passar por tamanha prova.

### *O político de oposição*

Fui criado num meio político. Ouvi falar de política em casa desde que me entendo por gente. Meu pai foi político a vida inteira, sempre de oposição e meu avô nessa época era um político em recesso, era ministro do Supremo, mas nem assim deixava de acompanhar pelo menos a política municipal de Vassouras. (LACERDA, 1987, p.27)

Lacerda começa seus depoimentos por sua formação política, o que não nos surpreende já que sua notoriedade resultou de sua atuação política no Brasil, razão pela qual foi o primeiro da lista de Melchiades da Cunha. Mas se Carlos Lacerda não fosse em 76, ano que gravou os depoimentos, um homem reconhecido por suas ações como deputado e, depois, governador da Guanabara (1960-64) ou até mesmo por sua reputação como jornalista interessado nas polêmicas políticas do país, será que sua recordação de formação seria a mesma?

O avô de Carlos, Sebastião Lacerda, foi deputado federal, ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas em 1896 e ministro do Supremo Tribunal Federal em 1912, e seu pai, Maurício de Lacerda, vereador e deputado federal pela cidade do Rio de Janeiro. De fato, Carlos estava rodeado de políticos em sua família. Mas isso não significa que sua trajetória estivesse definida, ou seja, da mesma maneira como optou pela política, Carlos poderia ter escolhido uma carreira absolutamente distinta. A busca no passado por uma validação da imagem que Lacerda almejava construir no presente o fez selecionar momentos que coincidiam com tal persona, a de um homem possuidor de uma vocação política “inata”.

O processo de rememoração não apenas intervém na ordenação dos vestígios mnemônicos, como também faz uma releitura deles. Quando narramos um fato passado inscrevemos essa experiência em uma temporalidade que não é a do ocorrido, pois a experiência de narrar está atrelada ao tempo presente. “A rememoração é ativa, ela não é o surgimento involuntário do passado no presente; ao buscar um momento do passado ela

tende a transformá-lo.” (HARTOG, 1997, p.143) Lembrar-se, portanto, não é apenas receber uma imagem do passado; implica uma ação, uma “memória exercitada”.

A noção de vida como uma história, um caminho linear possuidor de começo, meio e fim pressupõe uma finalidade para essa “trajetória”, um sentido que a torne coerente e orientada. Em uma obra de Lacerda denominada *Rosas e pedras de meu caminho* também podemos notar essa preocupação em construir uma lógica entre os estados narrados, na tentativa de criar esse sentido artificial. Até mesmo o título evidencia a noção de trajeto: “pedras em caminho” correspondem aos percalços que teve de superar para continuar seu curso. O livro compõe-se de textos autobiográficos que foram publicados na revista Manchete em 1967 e 1977. Numa passagem sobre sua infância, Lacerda cita uma carta que escrevera a sua mãe aos nove anos de idade:

“Já escolhi minha profissão. Hei de ser engenheiro agrônomo. Não me meterei na política. Já fiz esse juramento. Não defenderei, mas também não atacarei. Sei que isto te desgosta por que foi com essa maldita política que meu pai se perdeu.” Não era mentira nem verdade. Começava ali essa atração-repulsão, a sedução-recusa que um dia, em 1944, creio, de volta de uma conversa, com Virgílio Melo Franco, me faria anotar o que Dona Carolina Nabuco registra na sua bela biografia de Virgílio. Minha única e modesta vocação neste mundo é a de falar quando todo mundo se cala. (LACERDA, 2001, p.33)

A idéia de começo, presente em seu texto, elucida o projeto implícito nos acontecimentos narrados: Lacerda acredita ter uma vocação e toda sua “história” — que já vimos se tratar de uma construção dele próprio para dar sentido, orientação a fatos — consiste na conexão dos acontecimentos selecionados, dando-lhes o significado pretendido. Diferente da obra de depoimentos, onde o interesse jornalístico na vida política de Lacerda o impede de dissertar longamente sobre sua infância ou sobre sua família, em *Rosas e pedras de meu caminho* nosso autor discorre com maior desenvoltura e prolixidade sobre essa fase de sua vida. Mas a presença de uma trajetória linear, que encontra nesses momentos selecionados uma explicação da sua “vocação natural” para a política está presente em ambas as obras.

Quando questionado sobre sua facilidade em mudar de opinião e elogiar pessoas que outrora o combatiam, Lacerda não esmorece na busca de uma coerência para sua retrospectiva:

O que peço a Deus é que me conserve exatamente essa capacidade de parecer incoerente, quer dizer, de elogiar o sujeito quando o sujeito me parece que está fazendo a coisa certa e, amanhã, espinafrá-lo quando me parece que ele está fazendo a coisa errada. (...) Incoerente seria eu se continuasse a elogiá-lo. (LACERDA, 1987, p.479)

Independentemente das posições divergentes que assumiu durante sua vida política, Lacerda tenta demonstrar que sempre agiu de acordo com um princípio, “essa voz interior, que muitas vezes vi chamar de ‘voz da consciência’. No momento não sei como preferem chamá-la. Talvez, afirmação de personalidade”. (LACERDA, 2001, p.56)

Paul de Man nos alerta que a consciência de si é uma forma de representação, um indício da construção figural, presente em qualquer autobiografia, pois apresenta um eu ausente, textual, que se pretende unificado no tempo. O narrador constrói um personagem, cobre seu rosto com uma máscara que pode desempenhar qualquer papel desejado. Não há sinceridade, apenas um estado de sinceridade; não há verdade, apenas uma *persona* a elaborar a sua versão da verdade. Derrida também apresenta reflexões sobre o autobiográfico que dialogam com as interpretações de Paul de Man; defende que a única coisa que sustenta a construção identitária presente no relato do sujeito consiste em sua assinatura (Cf. SARLO, 2007, p. 30-33).

Essas críticas à subjetividade e à sua representação em uma construção narrativa são importantes para analisar os depoimentos de Lacerda, pois nos afastam da utópica pretensão de desconstruir a personalidade que desejara afirmar através de uma exposição do que ele “realmente foi”. Vamos nos limitar ao possível: tentar entender o que o projeto identitário de Carlos Lacerda tentou erigir e de que modo. O cerne da proposta encontra-se, portanto, na análise da mobilização da memória a serviço da busca e reivindicação de uma identidade, pois a consistência do projeto depende desta memória, fornecedora dos indícios do passado, selecionados por um encadeamento lógico que configura as circunstâncias do presente. São essas circunstâncias que envolvem os valores e preconceitos do indivíduo; projeto e memória associam-se para dar significado a suas ações.

De acordo com Ricoeur, uma das causas da fragilidade desta identidade consiste no confronto com outrem, visto como uma ameaça:

A identidade permanece uma relação de comparação que tem como contraponto a diversidade, a diferença; a idéia de algo diferente não cessa de assombrar a referência a si do mesmo. A expressão: uma coisa que ela mesma e não outra contém o anônimo que é nomeado apenas para ser suprimido. (RICOEUR, 2007, p.116)

Nos Depoimentos de Lacerda podemos perceber como a desvalorização da imagem do outro implica na construção de sua *persona*, por oposição: sou tudo o que ele não é. Ou seja, suas qualidades são exacerbadas através da desqualificação dos que o ameaçam. Um exemplo dessa ameaça presente em sua narrativa consiste na representação que constrói em seus depoimentos sobre a figura de Getúlio Vargas. Ele é concebido por Lacerda como um homem indeciso, vacilante e com claras afinidades com o ideal fascista:

Getúlio conseguiu dar um golpe que era uma mistura estranha entre fascismo, (...) e até um vago socialismo. Mas mesmo para dar o golpe Getúlio hesitava — foi sempre um hesitante, um vacilante; nunca foi um homem de decisões. As decisões é que vinham ao seu encontro. Podemos dizer que ele sempre foi um filho legítimo do oportunismo. Foi um grande oportunista. (LACERDA, 1987, p.35)

A construção da imagem de Getúlio como um homem oportunista e inconciliável com a democracia — “Getúlio era absolutamente incompatível com um regime democrático” (LACERDA, 1987, p. 129) — são o oposto da descrição que faz de seu próprio governo na Guanabara: “uma mudança completa de mentalidade, uma mobilização geral. Foi uma espécie de convocação do povo para participar de um esforço”. (LACERDA, 1987, p. 260)

Ao falar do movimento comunista de novembro de 35, Lacerda também ressalta a ideologia antidemocrática que descreveu em Vargas:

E as massas, é claro, assistiram na mais absoluta indiferença ao bombardeio e à destruição do III Regimento na Praia Vermelha. As pessoas ficaram nas janelas vendo as balas passarem e não tomaram absolutamente conhecimento do movimento. Quer dizer, foi um negócio que não teve nada a ver com o povo, nem com operário, nem com coisa nenhuma. Foi um golpe. Nitidamente um golpe. (LACERDA, 1987, p. 44)

De acordo com Lacerda o motivo para se desvencilhar do comunismo em 1940 foi

esse caráter de regime ditatorial, similar ao de Vargas:

Eu tinha sido levado para próximo do comunismo porque acreditava que era um regime libertador, mas fui me convencendo de que era uma ditadura, pior do que as outras, porque muito mais organizada e, portanto, muito mais difícil de derrubar. (LACERDA, 1987, p. 51)

Ao utilizar o verbo na forma passiva — “tinha sido levado” — para mencionar sua aproximação com o comunismo, Lacerda tenta amenizar sua ligação passada com o partido. Em seus depoimentos, ele ressalta diversas vezes que nunca foi filiado ao Partido Comunista. Para justificar sua participação quando jovem na Juventude Popular, nosso autor destaca que, mesmo comunista, a organização “abrangia não só simpatizantes, como também descontentes com a situação social vigente.” (LACERDA, 1987, p. 38) Em sua busca por lembranças do passado, nosso autor seleciona memórias que atenuam as divergências com sua posição no presente. O esquecimento é um elemento importante dessa seleção e da tentativa de abrandar as inconstâncias, existentes na vida de qualquer indivíduo.

A afirmação de que Lacerda “foi se convencendo” que o comunismo era tão autoritário quanto o governo de Vargas encontra respaldo em recordações do ano de 1945 como, por exemplo, o telegrama de Prestes cumprimentando Vargas pelo restabelecimento de relações diplomáticas com o “heróico povo soviético”. (LACERDA, 1987, p. 57)

Contudo, o afastamento de Lacerda deu-se em 39, devido a um artigo que escreveu ao *Observador Econômico* sobre o comunismo no Brasil. Ele não oculta essa informação de seus depoimentos mas, ao suprimir as datas dos episódios que recorda, sua posição anticomunista torna-se mais coerente e ativa: não foi o partido que o expulsou e o compeliu a escolher outra vertente política devido ao isolamento no qual se encontrava, mas o próprio Lacerda que, ao perceber as contrariedades do Partido, afastou-se e decidiu buscar apoios que coincidissem com seu ideal democrático. Aqui percebemos melhor o princípio que Carlos deseja inculcar como orientador de todas as suas ações do passado; a defesa da democracia torna-se o vetor de sua vida e essa identidade é construída não só pela afirmação de sua personalidade, como também através da desconstrução da imagem de seus

opositores. A aproximação Vargas-Prestes sintetiza, na construção de Lacerda, tudo aquilo contra o que lutou durante sua vida.

José Murilo de Carvalho sugere a retórica como uma chave útil para a leitura dos textos de intelectuais brasileiros do século XIX. Mas também admite que alguns traços desse estilo possam estar presentes até hoje na sociedade brasileira. Lacerda, grande admirador de Rui Barbosa, considerado por Murilo como o “maior parlador que o país jamais produziu” (CARVALHO, 2000, p. 144), utiliza-se das regras do argumento retórico em seus depoimentos. Além disso, retornando à crítica de Derrida sobre a subjetividade e a representação, o autor assinala que todo relato autobiográfico se desenvolve através da busca da persuasão, daí a necessidade de seu exame retórico. (Cf. SARLO, 2007, p.32)

Uma das características retóricas presentes na construção narrativa de Lacerda é a estreita relação entre os argumentos e a pessoa do orador — *ad personam* —, o que significa dizer que a qualidade moral deste é tão válida quanto sua argumentação. A tentativa de desqualificar o adversário, criticando sua qualificação moral — como vimos acima Lacerda criticar Vargas de oportunista — é usual em uma construção retórica.

Em *Rosas e pedras de meu caminho*, ele confirma a confiabilidade concedida a essa aproximação entre o homem público e o privado: “existe entre os fatos da vida pública e os da vida particular uma certa ação recíproca, regular e talvez periódica” (LACERDA, 2001, p.31), o que lhe permitiu utilizar-se de críticas *ad personam* ao invés de limitar-se a atacar os argumentos específicos de seus adversários.

Em seus depoimentos, Lacerda traça um perfil psicológico de Vargas e o caracteriza como um homem suicida e autodestrutivo. Após relatar dois episódios em que Getúlio teria dito que iria se matar, Lacerda conclui:

Esses dois episódios se verdadeiros e eu não tenho motivo para supor que não sejam, denotariam no Getúlio, uma vocação suicida, que justificaria essa teoria dos psicólogos sobre o suicida, que nunca tem realmente uma razão para se suicidar, o que tem é uma inclinação ao suicídio. É um impulso de autodestruição ou de vingança, conforme o caso, que tem dentro de si. (LACERDA, 1987, p. 136)

Não é relevante que os relatos condigam com os fatos, pois o importante é ressaltar que as lembranças referentes a Vargas, selecionadas por Lacerda, ratificam a imagem que

ele pretende construir de seu adversário: o oposto da *persona* que quer representar. Retornamos assim à idéia de lembrança como “memória exercitada”, mencionada anteriormente: a rememoração é uma busca mediada pelas ações do presente.

Outra característica retórica é a credibilidade do orador/narrador perante seu público. Lacerda afirma com veemência que seus depoimentos não são memórias, assim como não são os escritos de *Rosas e pedras em meu caminho*, mas matéria-prima para a posteridade. Há uma nítida preocupação com a veracidade de seus relatos. Reproduzindo uma citação de Saint-Beuve ele adverte:

Essa preocupação com o presente que o autor transporta para o passado seria cômico se a estudássemos de perto. Esse é o inconveniente de um gênero de memórias (...). Estão ali numerosos acontecimentos de sua juventude, mas revistos e passados a limpo de acordo com seus sentimentos de hoje. (...). Não se sabe onde está o verdadeiro e o falso. O autor também não sabe. (LACERDA, 2001, p.31)

Afirmar, portanto que seu trabalho é matéria prima significa afastar-se do caráter subjetivo inerente a qualquer construção narrativa; dar maior credibilidade para o que relata, ao tentar esquivar-se da complexa relação entre memória, identidade e projeto. Lacerda encontrou uma melhor definição do que estava a fazer em um bilhete de seu pai sobre a obra de memórias que pretendia escrever:

Trata-se de simples apontamentos para essa história toda espontânea de uma vida pública, no Brasil do século XX, que estamos tentando lançar num molde totalmente novo, sem a monotonia das memórias e o personalismo das biografias (...). Essa obra confesso que só a encenei à força da tua crença no seu interesse para o mundo que deverá ficar entre as tuas mãos quando as minhas já se tiverem cruzado no limiar da morte. Entre as tuas mãos e a de teus irmãos, que são todos os meus filhos, aos quais não desejaria deixar apenas um punhado de histórias sem um epílogo que as encerrasse, enchendo de novo o coração de vocês de grandes esperanças. De vocês e do mundo que anda tão deserto delas. (LACERDA, 2001, p. 31)

Não é simples coincidência Lacerda acreditar que sua obra é similar ao trabalho que seu pai uma vez ambicionara fazer. Em seus depoimentos, a memória de sua juventude e formação política entrecruza-se à memória de seu pai. A menção a seu avô e até mesmo a seu bisavô também estão presentes em suas narrativas sobre o passado. Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá, médico da marinha, participou da Guerra do Paraguai, lutando contra

a epidemia de *Cholera morbus* em Corrientes e escreveu uma obra considerada capital por seu bisneto, denominada *Elementos da botânica geral e médica*. Para Lacerda, as ações de sua vida muitas vezes refletem a herança intelectual, política e moral de sua família, como podemos perceber na passagem a seguir, na qual defende que suas ações no governo da Guanabara estavam imbuídas do “espírito” de seu bisavô:

Foi ele (Joaquim Monteiro) que chamou a Lota Macedo Soares para fazer o Parque do Flamengo. Foi ele que desapropriou o terreno para plantar, na Penha, o parque Ari Barroso, o único da Leopoldina. (...). E ainda há quem não acredite em alma. (LACERDA, 2001, p. 90)

Ricoeur caracteriza essa justaposição de memórias particulares – as memórias de seu avô e de seu pai tornam-se lembranças de Lacerda - como resultado da seqüência das gerações, uma vez que inclui o tempo vivido na vastidão do tempo cósmico. Essa perpetuação da memória ancestral consiste em uma experiência marcante que contribui para estender o círculo dos próximos, ampliando-o rumo a um passado, que nos coloca em comunicação com a vivência de uma geração que não é a nossa. As narrativas compartilhadas pelos mais velhos da família ampliam o vínculo de filiação, à medida que afastam o horizonte temporal consagrado por essa memória histórica.

Com isso, a identidade — que, como sabemos, possui uma amarra fundamental com a memória e o projeto — está comprometida com essa memória caracterizada por Ricoeur como histórica. A construção da *persona* de Lacerda faz parte do que acredita ser a continuação de um legado familiar. Mas não podemos deixar de ressaltar o jogo retórico que mais uma vez entremeia seu discurso, ou seja, há um esforço por detrás dessa interseção entre memória individual e social. Utilizar-se da herança familiar para construir seu projeto identitário nos faz retornar à idéia de “memória exercitada” de Ricoeur.

A permanência, mesmo que muitas vezes dissimulada, da importância do “nome de família” no Brasil nos ajuda a compreender o motivo dessa recorrência de Lacerda à “memória de geração”. Através da memória familiar, nosso autor nos transmite uma idéia de família como valor, os bens simbólicos são herdados pela geração seguinte e, portanto, destacar, por exemplo, as qualidades de seu avô, significa apontar para preservação das mesmas em si.

Para esses entrevistados, cuja história familiar é marcada pela presença de avós socialmente conhecidos, a inserção na família representa um símbolo de status. Lembrar a importância desses avós (...) por si só não traz à história narrada seu significado para o presente. O que se faz sentir nos discursos é a permanência da sua importância, uma vez que avivar essa importância é avivar também o desempenho moral da família. (...) A identidade social da família se fundamenta nas idéias de desempenho e esforço pessoal para o estabelecimento de sua história. (BARROS, 1995, p. 90)

Ao iniciar seus *Depoimentos* e a obra *Rosas e pedras em meu caminho*, Lacerda declara a posição política de seu pai: sempre foi um homem de oposição; e é de maneira similar que caracteriza sua vocação: falar quando os outros se calam. Ser da oposição era muito mais difícil do que ser do governo, pois “ser oposicionista de verdade, quer dizer, cumprir o seu dever de oposição, de vigilância, de crítica, é muito mais frustrante.” (LACERDA, 1987, p. 483) Para ele, ambos sofreram tal frustração pois, devido à reputação de “homem que só sabia destruir” (LACERDA, 2001, p.83), acredita que lhe foi negado, assim como a seu pai, “a oportunidade de realizar grandes coisas a que estava naturalmente destinado”. (LACERDA, 2001, p.83)

Lacerda nunca escondeu seu desejo de tornar-se Presidente da República. Em sua narrativa, deixa clara a missão que construiu para si: “reformatar a nação” (LACERDA, 2001, p.81). A decepção por não ter conseguido alcançar tal meta também está presente no relato que elabora:

Não pense que a gente não tem crises de melancolia, quando pensa ter se preparado a vida inteira para uma determinada coisa e, depois, passar os anos mais fecundos de sua própria vida proibido de fazê-la. (LACERDA, 1987, p.476)

Mas Lacerda não perde a esperança de que aquilo que vê como sua missão ainda se realize, e o projeto identitário que constrói através de sua narrativa está permeado por essa ambição futura.

Nesta fase da minha vida me preocupa saber que, no passar do tempo, talvez a minha oportunidade de ser Presidente da República — cargo para o qual me preparei, venha quando minha saúde já não me ajudar e as disposições do espírito se recusarem às do corpo. Isto que alguns chamam de ambição, para esconder a sua, é apenas a consciência de uma



leitura. IN: **Topoi**. Revista de História. Rio de Janeiro: 7 Letras, n. 1, 2000.

DULLES, John W F. **Carlos Lacerda**. A vida de um lutador. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

HARTOG, François. Regimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 1997.

LACERDA, Carlos. **Depoimentos**. Organização de texto de Claudio Lacerda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. **Rosas e pedras de meu caminho**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

LE GOFF, Jacques et al: **Memória/História**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986.

MOTTA, Marly Silva da. O relato biográfico como fonte para a história. **Vidya**, Santa Maria (RS), n 34, p. 101-122, jul./dez. 2000

NEVES, Guilherme Pereira das. Elétrons não são intrinsecamente interessantes como gente. In: MARTINHO, Francisco Carlos Palomanes; SOARES, Luiz Carlos, FERREIRA, Tânia Maria Bessone da Cruz (Organizadores). **História e Biografias**. Anais Eletrônicos do X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

PAIVA, Claudio Lacerda. IN: CALDAS, Albertos Lins. **Oralidade texto e história**. Edições Loyola: São Paulo; 1999.

RICOEUR, Paul. **A memória. A história. O esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VELHO, Gilberto: Memória, identidade e projeto. IN: ----- . **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.